

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

Análise das relações interindustriais no ramo de metalurgia em Mococa (SP) e a importância da Cooperativa de Produtores Metalúrgicos.

Luis Fernando Franzoni

Projeto de TCC sob orientação do Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

Rio Claro (SP)

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

Luis Fernando Franzoni

Análise das relações interindustriais no ramo de metalurgia em Mococa (SP) e a importância da Cooperativa de Produtores Metalúrgicos.

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

Rio Claro - SP

2019

Franzoni, Luis Fernando

F837a

Análise das relações interindustriais no ramo de metalurgia em Mococa (SP) e a importância da Cooperativa de Produtores Metalúrgicos. / Luis Fernando Franzoni. -- Rio Claro, 2019

48 p. : tabs., fotos, mapas + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso ( - ) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

1. Relações Interindustriais.. 2. Autogestão. 3. Cooperativismo. 4. Economia Solidária. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Análise das relações interindustriais no ramo de metalurgia  
em Mococa (SP) e a importância da Cooperativa de  
Produtores Metalúrgicos.

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de  
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio  
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, para obtenção do grau de  
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

Prof. Dr. Diego Correia Maia

Prof. Dr. Fabrício Gallo

Rio Claro, 05 de dezembro de 2019.

Assinatura do (a) aluno (a)

Assinatura do orientador

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos que apenas conseguem enxergar o que os separa e não o que os une”.

Milton Santos

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Auro Mendes pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória. Dedico esse trabalho aos amigos que de alguma forma durante essa jornada me apoiaram nessa batalha de correr atrás de um sonho apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Em especial a Bruno Cesar, Daniel Vasconcelos, Gustavo Pinto, aos amigos de Ourinhos e Rio Claro e a minha namorada Jamila.

Agradeço a minha mãe e rainha dona Maria, minhas irmãs Elisabete e Adriana que foram à base essencial para superar os obstáculos sempre me apoiando nas dificuldades enfrentadas.

Aos colaboradores da pesquisa, Francisco Salles Gabriel Fernandes, (Chico Do sindicato) atual presidente do sindicato dos metalúrgicos de Mococa, Paula Zammarian presidente da associação comercial e Industrial de Mococa, Vanderlei Donizete Bernardo Barbosa, presidente da Cooperativa de Produtos metalúrgicos (Copromem) Luis Barbosa (Cajuru) Técnico em segurança do trabalho (Copromem) e Margarete RH (Copromem).

Ao meu ex-patrão José Martelo que me ajudou nas dificuldades financeiras, e em especial ao meu pai Vitor Franzoni (in memoriam), que já se foi, mas deixou o exemplo de caráter e dignidade da qual me inspira a seguir em frente.

## **Resumo**

Este trabalho é uma análise das relações interindustriais no ramo de metalurgia em Mococa e a sua importância para a economia da cidade, uma vez que se destaca entre as empresas da região no ramo de usinagem, outro aspecto analisado refere-se à importância da Cooperativa de Produtores Metalúrgicos de Mococa (Copromem) que surgiu após a falência de uma indústria centenária a Nicola Rome. A Economia Solidária surge como forma alternativa de se criar emprego e renda e manter os postos de trabalho frente ao desemprego estrutural que se passava no país nas décadas de 1980/1990 em decorrência entre outros fatores, da abertura comercial e o processo de internalização e reestruturação produtiva, sem uma política de proteção da indústria brasileira. Buscou-se analisar o modelo de cooperativismo, incluindo revisões bibliográficas sobre os principais conceitos que contribuíram para o embasamento teórico. Na cooperativa foi realizada uma entrevista semiestruturada e a partir desta foi possível identificar como se configura um empreendimento autogestionário.

**Palavras-chave:** Economia Solidária. Autogestão. Cooperativismo. Relações Interindustriais.

## **Abstract**

This paper is an analysis of the interindustrial relations in the metallurgy business in Mococa and its importance for the city's economy, since it stands out among the companies in the region in the machining business. Another delimited aspect is the importance of the cooperative of Metallurgical Producers of Mococa (Copromem) that emerged after the bankruptcy of a century old industry Nicola Rome. Solidarity economy emerges as an alternative way of creating jobs and income and maintaining jobs in the face of the structural unemployment that occurred in the country in the 1980s and 1990s, due to, among other factors, trade liberalization and the process of internalization and restructuring, without a protection policy of the Brazilian industry. We sought to analyze the model of cooperativism, including literature reviews on the main concepts that contributed to the theoretical basis. In the cooperative, a semi-structured interview was conducted, from which it was possible to identify how a self-managed enterprise is configured.

**Keywords:** Solidarity Economy. Self-management. Cooperativism. Industrial interrelationships.



## SUMÁRIO

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                         | 10 |
| Capítulo 1- Embasamento Teórico.....                                    | 11 |
| 1.1 Centralização e Desconcentração Industrial.....                     | 11 |
| 1.2 Economia Solidária e autogestão no Brasil.....                      | 16 |
| 1.3 Cooperativismo: Experiências Estrangeiras e Nacionais.....          | 20 |
| Capítulo 2- Aspectos históricos geográficos e econômicos de Mococa..... | 24 |
| 2.1 Breve história econômica de Mococa.....                             | 26 |
| 2.2 Relações interindustriais no ramo de metalurgia em Mococa.....      | 28 |
| 2.3 A história da Nicola Romi S/A e o surgimento da Cooperativa.....    | 34 |
| Capítulo 3- A Cooperativa Copromem: da Massa Falida a Autogestão.....   | 41 |
| Considerações Finais.....                                               | 44 |
| Referências bibliográficas.....                                         | 45 |
| Apêndice.....                                                           | 47 |

## Índice de Ilustrações

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Principais Etapas do Processo de Desconcentração Industrial.....         | 14 |
| Figura 2. Figura 2- Razões da Desconcentração Industrial.....                      | 15 |
| Figura 3. Perfil de Elevação Distrito Industrial III.....                          | 30 |
| Figura 4. Área de preservação permanente (APP) próximo ao distrito industrial..... | 31 |
| Tabela 1. Levantamentos de indústrias metalúrgicas cadastradas em Mococa (SP)..... | 32 |

## **Introdução**

O processo de globalização e reestruturações produtivas e crises financeiras ocorridos na economia brasileira acabou provocando o fechamento de muitas indústrias nacionais. A abertura comercial teve como objetivo trazer uma nova dinâmica das demandas do sistema capitalista global, e acirrar a competitividade local com os padrões predominantemente internacionais. Muitas empresas que não conseguiram sobreviver a esse cenário de maior competição acabaram fechando as portas e deixando muitos trabalhadores desempregados. A Economia Solidária surge como uma nova organização de trabalho inspirada em modelos de cooperativismo engajados em reestruturar um novo modo de produção alternativo. Nessa economia, os trabalhadores passam a gerir a massa falida a partir da instalação de um modelo democrático e participativo nas tomadas de decisões.

Esse trabalho faz uma análise teórica de como se configura um empreendimento autogestionário e as possíveis causas que levam ao aumento de cooperativas no país, com destaque a pesquisa realizada junto a Copromem (Cooperativa de Produtos Metalúrgicos de Mococa). O trabalho encontra-se em 3 capítulos. No capítulo 1, é feita uma análise do processo de concentração e desconcentração industrial, e quais foram as políticas adotadas pelo estado brasileiro nesse processo.

Nesse capítulo, ainda, aborda-se a Economia Solidária e a autogestão no Brasil, que deram origem as primeiras cooperativas, e os empreendimentos de economia solidária que fortalecem o movimento, realçando o cooperativismo, as experiências estrangeiras, as nacionais, e estudos de caso.

No Capítulo 2, são abordados os aspectos históricos, geográficos e econômicos de Mococa, bem como as relações interindustriais no ramo de usinagem, o número de empresas cadastradas, e o círculo de cooperação. Por fim foi realizado um levantamento sobre história da Nicola Rome S/A e o surgimento da cooperativa, uma vez que se trata de uma indústria centenária e de grande importância para a economia da cidade. No capítulo 3, trabalho de campo, discorre-se uma pesquisa para entender não só a história da Nicola Rome mas, também, a situação atual da Cooperativa.

## **Capítulo-1 Embasamento teórico**

### **1.1 Concentração e desconcentração industrial**

Entre a década de 1950 a 1970, ocorreu uma grande concentração de indústrias na grande São Paulo, herança ainda do grande crescimento nos anos passados do complexo cafeeiro compreendendo um sistema de transporte para escoamento e uma grande massa de trabalhadores, fortalecendo o consumo e expansão em todas as áreas na grande metrópole.

Conforme Negri (1994, p.58)

Em razão das características da economia de São Paulo - elevado grau de urbanização, produção de bens de capital e de bens intermediários e agricultura dinâmica, os efeitos das políticas de recuperação fizeram-se sentir mais forte e mais rapidamente neste Estado. Com isso, não é de surpreender que coubesse a São Paulo conduzir, de forma dominante, o processo de integração do mercado nacional. O novo padrão de acumulação seria comandado pelo capital Industrial em São Paulo. Era aí que se encontravam os maiores interesses da indústria brasileira. A dimensão de sua população, de sua renda e o seu elevado grau de urbanização faziam de São Paulo o maior mercado consumidor do país; aí se encontrava também o mais desenvolvido mercado de trabalho e as dimensões de sua base produtiva agrícola e industrial aliadas à sua expressiva estrutura do setor terciário lhe conferiam a maior capacidade de articulação inter-regional.

Diversos setores da produção brasileira cresceram e ampliaram seus serviços na metrópole o que fez a cidade ter elevadas taxas de crescimento migratório devido a grande oferta de mão de obra. No interior do Estado o desenvolvimento industrial crescia em ritmo inferior a grande metrópole com processamento de bens não duráveis e insumos agropecuários.

De acordo com Negri (1994, p.98).

A indústria do Interior estava fortemente concentrada em três ramos: alimentos, com 40,6%; têxtil, com 21,8%, e química com 27,2%. No conjunto, estes ramos respondiam por 89,6% do valor total de sua produção industrial. Como foi dito, o Interior paulista era responsável, desde os anos 30, pela mais dinâmica e diversificada agropecuária e agroindústria do país .

A partir da década de 1970 ocorreram mudanças na legislação ambiental no Estado de São Paulo como, por exemplo, podemos citar a criação da Cia Estadual de Tecnologia de Saneamento Básico e de Controle de Poluição e de Águas (CETESB) que passou a fiscalizar e controlar a instalação ou ampliação das unidades fabris, entre outras leis, que fizeram com que as indústrias concentradas na grande São Paulo beneficiadas pelos planos do governo federal e estadual, transferissem suas atividades para o interior do Estado.

Os municípios passaram a oferecer subsídios fiscais e infraestruturas adequadas para a entrada do capital industrial.

Salienta Negri (1994, p.195)

O Governo Federal participou, direta e indiretamente, nessa política de interiorização da indústria em São Paulo. Indiretamente, através dos investimentos em comunicações, resolvendo as questões relativas à telefonia, através da ampliação da cobertura no estado e da implantação gradativa dos sistemas de DDD, DDI e de Telex, respondendo à demanda municipal e dos estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços. Diretamente, mediante alocação de recursos, a fundo perdido para o programa de cidades médias, mediante alocação de recursos de financiamento para a ampliação da malha viária estadual, através do BNDES e através de aval para financiamentos internacionais na área de transportes e de energia. No âmbito municipal, o Governo Federal foi importante para o financiamento de infraestrutura econômica e social com financiamento da Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Banco Nacional de Habitação, bem como porque financiou a construção de vários Distritos Industriais com recursos do BNDES. A melhoria da infraestrutura econômica e social do espaço interiorizado e o desenvolvimento de seus principais centros urbanos, a rede montada por mais de uma centena de Distritos Industriais e as facilidades de acesso às principais fontes de recursos hídricos contribuíram para a interiorização da indústria em São Paulo .

Essa desconcentração teve como política tentar corrigir os desequilíbrios regionais não só do interior paulista, como em todo o país, e integrar o país na nova dinâmica de internalização do sistema de produção industrial. A região do entorno metropolitano de São Paulo que abrange cidades situadas em um raio de aproximadamente 200 km a partir da capital, foi a que mais recebeu indústrias provenientes da referida desconcentração industrial.

Conforme Mendes (1991, p.38)

[...] O entorno metropolitano, na verdade, nada mais é do que o conjunto formado pelos municípios mais industrializados das regiões administrativas de Campinas, Vale do Paraíba, Litoral e Sorocaba.

Vale destacar a importância da infraestrutura de transportes via modal rodoviário, que liga o interior a capital como as rodovias, Anhanguera, Bandeirantes, Imigrantes, Castelo Branco Washington Luís, nesse processo de desconcentração industrial.

Salienta Mendes (1991, p.39)

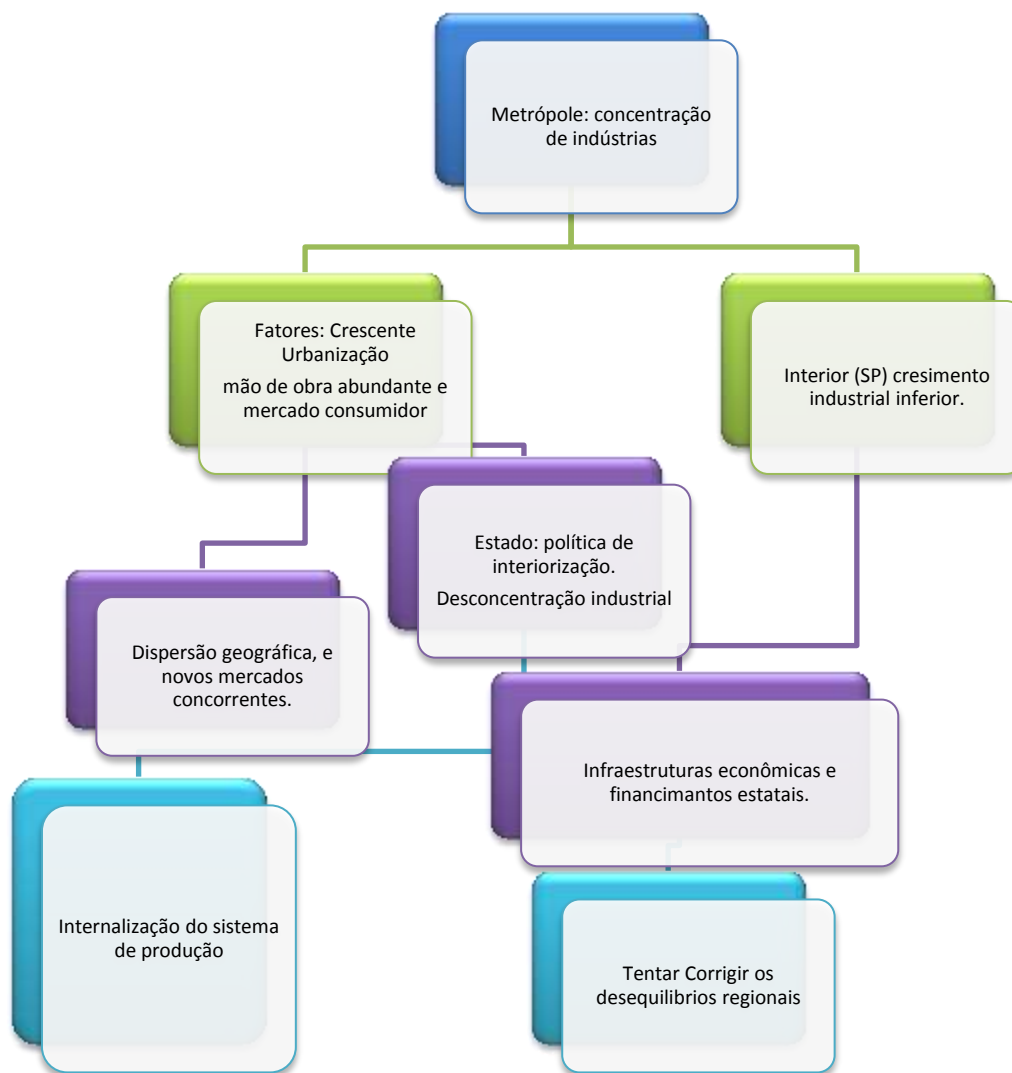
[...] Trata-se de uma descentralização industrial, que consiste em um confinamento das unidades produtivas em um território maior, onde possam continuar contando com o ambiente industrial.

Essa dispersão geográfica de indústrias favorece novos mercados concorrentes, mão de obra mais barata, e recorrente, maior taxa de lucro, vínculos com centros de pesquisas (P&D), universidades e, além de como já mencionado, benefícios fiscais de instalação de novas unidades fabris.

A Região de Metropolitana de Campinas e Ribeirão Preto a partir da década de 1970 teve intervenção estatal em ser subsidiado pelo programa Proálcool, colocando a região principalmente de Ribeirão Preto e as cidades de seu entorno, como maior produtor de álcool e açúcar do mundo devido a grande demanda do mercado mundial na produção de combustíveis não fósseis.

Conforme Negri (1994, p.155)

[...] O Estado atuaria também no setor energético-carburante, embora de forma tímida e com grande atraso, através da criação do PROÁLCOOL, em meados dos anos 70. A expansão da produção nacional de álcool ganha na expressão ao final da década, aí sim, com fortes rebatimentos no setor industrial, ampliação da demanda de insumos químicos e de implementos agrícolas para a lavoura canavieira e de máquinas, equipamentos e acessórios para usinas e destilarias de álcool.



**Figura 1- Principais Etapas do Processo de Desconcentração Industrial**

Elaboração: (FRANZONI, 2019).



**Figura 2- Razões da Desconcentração Industrial** Elaboração: (FRANZONI, 2019).

Das condições gerais do processo de concentração e desconcentração Industrial, a primeira impressão é de desenvolvimento em direção ao interior do Estado de São Paulo. Esse desenvolvimento decorreu da continuidade do favorecimento da entrada dos capitais estrangeiros e políticas adotadas desde os anos 1950. Apesar do discurso oficial que se buscava fortalecer o poder de competição da indústria nacional, os investimentos se deram contínuos do processo de internalização do setor industrial estrangeiro e desnacionalização da indústria brasileira. (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009).

## **1.2 Economia Solidária e autogestão no Brasil**

A Economia Solidária no Brasil ganha um novo dinamismo na década de 1980 em resposta as altas taxas de desemprego estrutural, e começa ganhar força nas décadas seguintes, sobretudo na década de 1990, com a abertura comercial e desestruturação do sistema industrial brasileiro.

Cabe ressaltar que o neoliberalismo na maioria dos países da América Latina em tempos de Globalização, sem uma política de proteção do sistema industrial brasileiro, acarretou a falência de muitas indústrias nacionais.

A Economia Solidária e Autogestão de trabalhadores surge contra esse sistema imposto. Uma nova forma de geração de renda e inclusão social ganha destaque.

Assim esse processo de organização de economia solidária pode ser definido como sendo um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, sendo uma prática regida pela autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, respeito à natureza, promoção da dignidade e valorização do trabalho humano, tendo em vista um projeto de desenvolvimento sustentável global e coletivo. A Economia Solidária abrange uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Neste sentido, compreende-se por Economia Solidária o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição e consumo, organizados e realizados solidariamente por trabalhadores (as) sob a forma coletiva e autogestionária. Neste conjunto de atividades e formas de organização destacam-se quatro importantes características: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade (SENAES, 2015).

Um exemplo de organização de Economia Solidária que tem um papel importante em nossa sociedade tanto no aspecto social como no ambiental são as cooperativas de catadores de materiais recicláveis que colocam esses trabalhadores em união e não abandonados pela cidade.

Conforme Amorim (2004, p.49).

É um poderoso instrumento de combate a exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da sociedade humana.



Entre outros fatores a Economia Solidária é uma organização de resistência, pois se trata de trabalhar coletivamente na reconstrução de algo que se dava como perdido. Trata-se, portanto de um modelo de produção, gestão, e comercialização no qual a renda é dividida ou reinvestida em benefício de todos.

Salienta Mendes (2013 p.22)

Trata-se de pensar o desenvolvimento em escala local, em termos de “ganho-ganha”, contemplando solidariedade, união, cooperação, reciprocidade, resgate da dignidade e da felicidade e ir contra a lógica da ganha- perde da globalização econômica. Em economia solidária, a racionalidade é social, não econômica, ou seja, não visa à concorrência e a competitividade. A economia deve ser estendida como um meio não como um fim, como acontece nos moldes capitalistas. Neste sentido, a economia solidária se reveste de diversidade e complexidade, fatores peculiares a cada território que se encontram em diferentes níveis de organização, estruturação e institucionalização.

Como o sistema capitalismo é cíclico e passa por crises, a Economia Solidária surge como o resgate do trabalho solidário buscando construir uma sociedade com valores coletivos, deixando de lado a competição e fortalecendo a união em prol dos mesmos objetivos.

De acordo com Leite (2015, p.47).

Nesse ressurgimento a economia solidária apresenta características que apontam no sentido de um movimento social, as quais vale a pena levar em consideração em primeiro lugar que ela se apresenta como uma manifestação de grande capilaridade seja territorial (o movimento espalha-se pelo conjunto do país, atingindo ao mesmo tempo diferentes regiões, bem como o campo e a cidade), seja no que diz respeito aos diferentes grupos populacionais que o constituem: homens, mulheres, jovens, idosos, aposentados etc..., embora e termos sociais ela se restrinja a grupos que se localizam na franja do mercado de trabalho, a populações que vivem situações de exclusão social ou os operários de fabricas que faliram, em geral de baixa qualificação, e que se encontra em faixas de idade mais avançadas.

Vale destacar as entidades que surgiram no país como, por exemplo, a (SENAES) Secretaria Nacional de Economia Solidária criada em 2003 sob a

responsabilidade do Ministério do Trabalho. O (Sies) Sistema de informações de Economia Solidária criado em 2005 que tem como proposta de realização um levantamento amplo de informações e a criação de um banco de dados nacional sobre os empreendimentos de Economia Solidária. A (ANTEAG) Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária que surgiu na cidade de Franca na década de 1990, por conta da experiência da falência de uma empresa calçadista na qual os trabalhadores retomaram o controle ativo da empresa. A ANTEAG realiza trabalhos de assessorias e projetos em empresas autogestionárias, uma nova forma de recriar trabalho e renda por meio da inteligência coletiva e participação dos trabalhadores.

De acordo com Lima (2015, p.62).

A pluralidade dos chamados empreendimentos de economia solidária e a amplitude por eles abarcados colocam diversas questões, tais como: a própria definição-caracterização desses empreendimentos, para além do agrupamento no rotulo de “solidário”; seu alcance no sentido de mudanças na organização do trabalho alternativa ao assalariamento e a precarização das relações de emprego; a proposta política de mudança social; as relações com um mercado plural, sob a hegemonia capitalista e as possibilidades de sustentabilidade e reprodução desses empreendimentos; as mudanças na cultura do trabalho representada pelo empreendedorismo social presente na proposta.

A partir da experiência de sucesso da ANTEAG, aumentou a procura de sindicatos, empresas e administrações públicas, em buscar parcerias e estimular o desenvolvimento de empresas em autogestão.

Outro empreendimento que se destaca é a UNISOL- Central de Cooperativas e empreendimentos solidários, fundada em 1999 na grande São Paulo com apoio do Sindicato dos metalúrgicos do ABC, e de Sorocaba e do Sindicato dos Químicos do ABC. Que é uma incubadora de cooperativas populares fortalecendo o cooperativismo como inclusão econômica e social.

Os empreendimentos ligados à Economia Solidária no Brasil vêm crescendo até os dias atuais, segundo dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho (SENAES), são mais de 20 mil empreendimentos econômicos solidários no Brasil e mais de 1,4 milhões de trabalhadores envolvidos nas atividades em todo o país.

Conforme Mendes (2013, p.24).

O estágio atual da economia solidária no Brasil exige uma postura revolucionária diante do presente. Dialeticamente, é preciso superar as mediações do capital que aliena e mercantiliza todas as esferas da reprodução social ou da vida.

A prática da autogestão consiste em trazer para o plano empírico diferentes utopias e reflexões e implementá-las. Independente dos cenários mutantes que possam se apresentar, a economia solidária enseja uma resistência a tudo que é imposto, mormente pelo modo de produção capitalista. A economia solidária traz em seu bojo um poder transformador, revelando que é possível obter não apenas melhorias econômicas, mas, sobretudo, de qualidade de vida nas práticas cotidianas exercidas em um território. Torna-se necessário transformar em políticas públicas os grandes problemas e temas atinentes a economia solidária. Cabe, ademais, rever o próprio papel do Estado no que concerne às políticas por ele praticadas.

### 1.3 Cooperativismo: Experiências Estrangeiras e Nacionais

O cooperativismo diz respeito à transformação social e desenvolvimento de uma economia centrada na autogestão de trabalhadores unificados, buscando princípios de democracia e independência de todos os membros nas tomadas de decisões.

Conforme Santos (2002, p.33).

O pensamento e a prática cooperativista moderno são tão antigos quanto o capitalismo industrial. De fato, as primeiras cooperativas surgiram por volta de 1826, na Inglaterra como reação a pauperização provocada pela conversão maciça de camponeses e pequenos produtores em trabalhadores das fábricas pioneiras do capitalismo industrial. Foi também na Inglaterra que surgiram as cooperativas que passariam a ser o modelo do cooperativismo contemporâneo, as cooperativas de consumidores de Rochdale, fundada a partir de 1844, e cujo objetivo inicial foi à oposição à miséria causada pelos baixos salários e pelas condições de trabalho desumanas, por intermédio da procura coletiva de bens de consumo baratos e de boa qualidade para vender aos trabalhadores.

As causas dessa organização consistiam em fugir das condições de trabalho desumanas, salários baixos e propor uma nova estrutura fora dos moldes capitalistas.

O modelo cooperativo mais emblemático no mundo é o sistema cooperativo de Mondragón na Espanha, que foi fundada em 1956, pelo padre José Maria Arizmendiarreta, depois que a cidade sofreu elevado nível de desemprego após a guerra civil espanhola. Dali nasceu além de cooperativas, escolas focadas no desenvolvimento do sistema cooperativo que até os dias atuais conta com uma universidade, sistema financeiro (cooperativa de créditos), seguros de saúde e fundos de pensão, centros de inovação tecnológicos entre outros serviços localizados no complexo industrial cooperativo.

Conforme Santos (2002, p.40)

[...] Os grupos cooperativos conseguiram os altos níveis de capitalização necessários para modernizar os seus processos produtivos sem necessidade de recorrer a investimentos externos, graças às contribuições adicionais de capital dos seus sócios trabalhadores e ao apoio da caixa. Por outro lado, os grupos cooperativos de Mondragón entraram em múltiplas alianças com cooperativas e empresas convencionais em várias partes do mundo, que lhe permitiram aproveitar as condições do mercado global.

Mondragón não é o único modelo, apesar de ser o mais estruturado, segue como exemplo de força cooperativista em todo o mundo, estando aberto ao empreendedorismo de novas cooperativas e empresas autogestárias. Mas como são tomadas as decisões em cooperativas? Geralmente é constituído por assembleias nas quais todos trabalhadores votam sobre determinados planos da empresa, inclusive sobre o caixa.

O processo de cooperativismo que surge com a Economia Solidária no Brasil, ganhou força nas décadas de 1980 e 1990 em resposta ao desemprego estrutural e a abertura de mercado sem uma política de proteção da indústria nacional.

Conforme Singer, (2002, p.87)

A formação das primeiras cooperativas que ganharam destaque no país foram à indústria Wallig de fogões, em Porto Alegre, a Cooperminas que explora uma mina de carvão falida em Criciúma (Santa Catarina) e as cooperativas que operam as fábricas (em Recife e em São José Dos Campos) da antiga tecelagem Parahyba de cobertores.

As organizações cooperativas passam por um processo lento de etapas até se reestruturarem visando à sobrevivência imediata e o seu fortalecimento a longo prazo.

Salienta Singer (2002, p.7)

A questão crucial do processo está em levar aos trabalhadores os princípios da economia solidária, convencendo-os a se unirem numa empresa em que todos são donos por igual, cada um com direito a um voto, empenhados solidariamente em transformar um patrimônio sucateado num novo empreendimento solvável.

Algumas experiências servem de exemplo da árdua luta quando uma empresa decreta falência como no caso da indústria eletromecânica Friburguense em Nova Friburgo, no Estado do Rio De Janeiro. No ano de 1993, a indústria passava por uma dura fase econômica o que acarretou a dispensa de muitos trabalhadores. Em meio a negociações trabalhistas, a indústria propôs repassar todo o maquinário do setor de ferramentaria como indenização. Os trabalhadores não enxergando outra forma de garantir o emprego aceitaram a proposta e assumiram o controle da indústria.

A maioria dos empregados trabalhavam há mais de 20 anos na empresa, mesmo com a posse das máquinas ainda tinham muito dinheiro para receber, mesmo assim eles começaram produzindo ferramentas pela metade do preço, por exemplo, uma ferramenta que valiam R\$10 mil eles recebiam R\$ 5mil, (ANTEAG, 2000).

Após 6 anos de lutas a Cooperativa conseguiu se reestruturar e novas parcerias foram consolidadas, isso só foi possível acreditando no cooperativismo como solução diante da situação imposta. Atualmente a cooperativa mantém suas atividades em Nova Friburgo.

Outro caso de superação é o da “COOPARJ” sucessora da massa falida, indústria de parafusos Águia, também localizado no Estado do Rio De Janeiro em Duque De Caxias. Em 1995 a empresa veio à falência deixando 200 trabalhadores desempregados, 44 desses trabalhadores optaram pelo cooperativismo como alternativa de garantir sua sobrevivência. Ficaram com as máquinas em troca do valor da rescisão, e os funcionários que tinham mais de 10 anos na empresa assumiram o aluguel do galpão usando o FGTS.

Muitas foram às dificuldades no começo, como falta de capital de giro, modernização da produção, e o galpão estava penhorado pela justiça como forma de pagamento da massa falida Águia. Os 44 funcionários também assumiram pagar as rescisões dos trabalhadores que não optaram por se tornar cooperativados e colocaram algumas máquinas como garantia de consolidar a dívida em 3 anos. Devido às dificuldades de ficar em muito tempo sem receber o pagamento inteiro muitos deixaram a cooperativa que, com muita luta, sobreviveu com vinte e oito cooperados assumindo todos os compromissos firmados e reestruturando uma nova forma de recriar trabalho e renda como modelo de autogestão, (ANTEAG, 2000).

Na cidade de Rio Claro (SP), temos a formação de uma Cooperativa que tem uma função social de sustentabilidade. Trata-se da “COOPERVIVA (Cooperativa de Trabalho dos Coletores de Materiais Reaproveitáveis de Rio Claro)”. Essa cooperativa Foi criada em 2002 com o objetivo de geração de emprego e renda com coleta e triagem de material reciclável.

De acordo com Britschgy (2018, p.70).

Ao longo de sua trajetória, a Coopervivar passou por inúmeras mudanças, entre elas a localização e a estrutura do empreendimento, o número de cooperados, a quantidade de máquinas e equipamentos, a ampliação dos bairros atendidos pela coleta seletiva, além de conseguir firmar, ao longo do tempo, parcerias com atores públicos e privados, como, por exemplo, via projetos, objetivando melhorias nas condições de trabalho e a autonomia do empreendimento.

A história de superação se deu por conta da proibição da entrada de coletores de lixo reciclável no antigo lixão da cidade. Cerca de 200 pessoas trabalhavam com reciclagem e tiveram que achar uma nova alternativa para garantir o seu sustento. Primeiramente, um empresário alugou um galpão no Jardim Guanabara e o pessoal começou a trabalhar nesse local, porém, por questões administrativas o projeto foi encerrado e os trabalhadores foram deslocados para uma central de triagem. Devido à baixa remuneração um a um foi saindo uma dessas funcionárias I. F. R. M. (Atual Presidente da Cooperativa) buscou forças e parcerias para montar a Cooperativa.

De acordo com Lima (2012, p.162)

A cooperativa trabalha com materiais recicláveis separados nas categorias: papel (papel jornal, papel revista, papel branco, papelão e embalagens tetra pak), plástico (PET, PEAD, PEBD, PVC, PS e PP), metal (Cobre alumínio e sucata de ferro e vidro (vidro escuro e vidro branco). Alguns materiais que não sofrem transformações são apenas coletados e reutilizados por terceiros, como, por exemplo, as garrafas PET, reutilizadas para produtos de limpeza, e os vidros de conservas, reutilizados no artesanato.

Nos dias atuais a Cooperativa conta com 42 colaboradores que tiram seu sustento e garantem que 100% dos bairros do município sejam atendidos com a coleta seletiva. A COOPERVIVA se tornou referência nacional e internacional com sua experiência em trabalho social e ambiental.

Todo recomeço é difícil em uma cooperativa, e os trabalhadores recebem parte do pagamento até conseguirem estabilidade e terem os salários por inteiro, muitos desistem e procuram outras empresas capitalistas, mas aqueles que ficam e lutam, demonstram que é possível um desenvolvimento solidário no processo de produção.

## **Capítulo 2- Aspectos Históricos, Geográficos e Econômicos de Mococa (SP).**

O Município de Mococa está localizada nas coordenadas latitude 21°27'54 sul e a uma longitude 47°00'17" oeste, se encontrando a 645 metros de altitude e a nordeste do estado de São Paulo, fazendo fronteira com o Sul de Minas Gerais. Ribeirão Preto a 113 km de distância é a maior cidade da região. Segundo o IBGE a população estimada em 2019 é de 68.695 habitantes, com uma aérea total de 861 km<sup>2</sup>. Divisas a Norte: com o município de Cássia dos Coqueiros e Minas Gerais; Oeste: com os municípios de Tambaú e Casa Branca pelo Rio Pardo; Leste: com os municípios de Arceburgo e Monte Santo de Minas pelo Rio Canoas e Rio das Areias; Sul: com os municípios de São José do Rio Pardo e Tapiratiba. Encontra-se a aproximadamente 266 km da Capital paulista. (Mapa 1)





(Mapa 1) Fonte: ArcGIS/IBGE

Organização: B.C. (SANTOS) L.F. (FRANZONI) 2019.

## 2.1 Breve História Econômica de Mococa

Mococa foi fundada em 5 de abril de 1856. A sua descoberta se deu pela busca por terras férteis pelos vizinhos mineiros, Barão De Monte Santo, Venerando Ribeiro e Gabriel da Silva De Figueiredo. Eles formaram as primeiras fazendas, o que viria a ser a base econômica e social que estimularia a criação do povoado de São Sebastião, que mais tarde viria a se chamar Mococa. A história da cidade nasce com a economia do café e, posteriormente, com a criação de gado.

Conforme Paladini (1995, p.27).

Foi Venerando Ribeiro Da Silva quem deu início a lavoura de café no município de Mococa, em 1845, lançando, assim, as bases econômicas da futura riqueza da região. O primeiro café, vendido em Mococa como gênero de negócio, foi produzido em sua fazenda da prata.

A mão de obra utilizada na época era de escravos. Após a abolição de 1888, a cidade começou a receber uma grande massa de imigrantes a maioria italiana, além de espanhóis, portugueses, alemães, austríacos, libaneses etc. que vieram trabalhar nas lavouras, fortalecendo a grande expansão econômica do café, principalmente a partir de 1890 com a chegada da linha férrea da mogiana (atualmente extinta).

A cidade começou a construir suas casas comerciais, seu primeiro mercado municipal e o primeiro banco da cidade, o “Banco Regional de Mococa”. No começo do século XIX surgiram vários monumentos arquitetônicos no centro como, por exemplo, a igreja Nossa Senhora do Rosário, a Casa D’Itália e outros casarões que, atualmente, são tombados como patrimônios históricos.

A cidade enriquecia com as fazendas de café e pequenas criações de gado em seu entorno e a malha urbana foi se expandindo aos arredores do Ribeirão do Meio, e novos bairros foram sendo criados e sustentados pela riqueza da economia cafeeira.

A partir da década de 1930, a crise do café afetou drasticamente a estrutura econômica da cidade.

Conforme Paladini (1995, p.84).

O café era à base da economia do município. A crise financeira de 1929 sufocou a fase de desenvolvimento que Mococa vivia. Foi uma

fase difícil, a comercialização do café, que era o produto básico da economia, sofreu uma grande baixa. A partir de 1940, retornando o café a uma melhor fase, Mococa começou a encontrar novamente o seu desenvolvimento. O comércio reagiu, firmaram-se as indústrias em bases mais sólidas e obras públicas começaram a aparecer.

É importante destacar as primeiras indústrias formadas na cidade foram: a J Nicola e irmãos instalada em 1888, o Curtume Ítalo Brasileiro instalado em 1885 (Santa Emília) e em 1919 o laticínios Mococa (atualmente Mococa S/A produtos alimentícios).

De acordo com Paladini (1995, p.190)

A expansão industrial em Mococa teve suas raízes na abundância de força motriz e obra barata. Esses dois fatores propiciaram condições para a instalação de mais algumas indústrias. Como já assinalamos, o processo de industrialização de nosso município começou com as indústrias J Nicola e irmãos, Curtume ítalo brasileiro e laticínios Mococa, que se consolidaram como grandes indústrias. Todavia, os dados históricos que dispomos revelam a atuação de várias indústrias entre pequenas, médias e grandes que, operando em Mococa em diversos setores de produção, desenharam o perfil de nosso parque industrial.

Outra fase da expansão industrial da cidade ocorreu a partir de 1940, com incentivo do poder público, sendo instaladas algumas indústrias de pequeno e médio porte das quais se destacam, conforme Paladini (1995, p.193), as seguintes:

[...] Grupo Votorantim Incitem - indústria têxtil de fiação; Sociedade industrial de Mococa (Doces S.I. M), do grupo F. Barreto; sociedade industrial de produtos alimentícios (Biscoitos Mabel); confecções de roupa infantis “sino”, de Pedro Vanicelli; a fábrica de artefatos de couro de Pedro Zamarian e Filhos e a de Mario Giglio; a sociedade anônima indústrias reunidas Santo Antônio - SAIRSA, operando com as fábricas de cola e gelatina industrial e o curtume Cadorna, trabalho de Pedro Sukadolnick [...] Metalúrgica Mococa por iniciativa de Arnaldo Rojeck; o Frigorífico Frigon pelos irmãos Gonzalez; Frimoca, por iniciativa de Jacintho Pisani; Mocoplast por iniciativa de Augusto Amato.

A terceira e importante fase de desenvolvimento industrial ocorreu após 1970, com a criação do Distrito Industrial II, o que promoveu a chegada de novas indústrias. Provavelmente, essa seja fase mais importante do desenvolvimento industrial da cidade com indústrias de médio porte.

De acordo com Paladini (1995, p.194).

Nesse período apareceram, em 1972, a indústria e comércio de doce (BRIZA) de Wilson Sabóia de Brito; a mecânica Cairu, em 1974 fundada por Geraldo Marra; em 1978 a Caldeiraria São Caetano por iniciativa de Pedro Sukadolnick, com a reorganização do sistema industrial SAIRSA, surgiu a Sairsa Gelita, hoje conduzida pelo grupo Deutsche- Gelita Fabriken e dirigida em Mococa pelo empresário Reiner Quade. [...] Indústria Mecânica Mococa fundada em 1983 por José Carlos Favero; Metalúrgica Inca, criada por Riad Jauar; e indústria Mecânica irmãos Pisani de Luiz Ricardo Pisani e Odair Bueno.

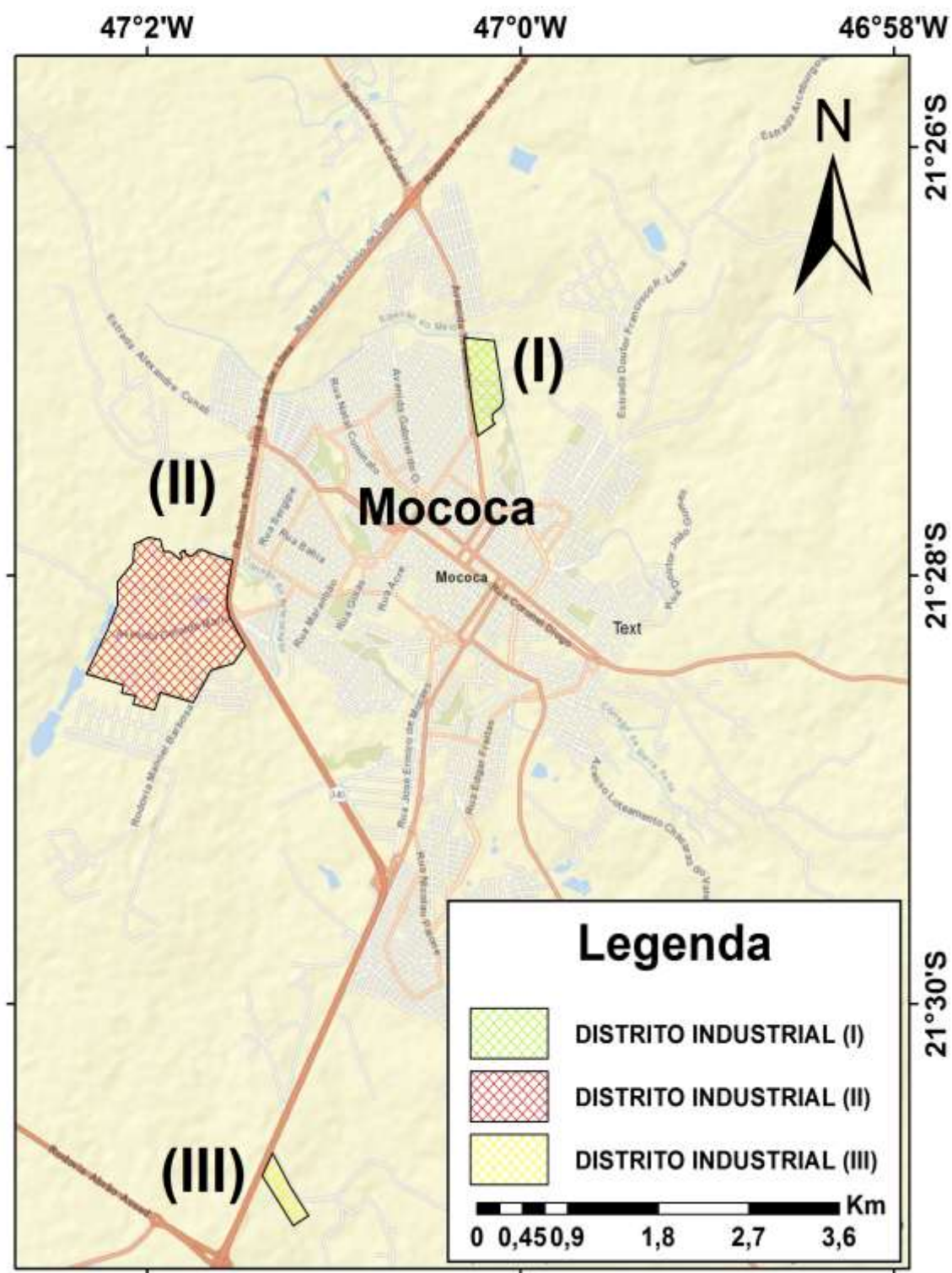
O crescimento agrícola sempre foi e continua sendo a principal economia da cidade, com destaque para o cultivo de cana, milho, arroz, batata e laranja, principalmente. Outro destaque fica no setor da agropecuária com criações de gado de leite e corte e criação de suínos, a avicultura presente desde a década de 1960 com a extinta AVISCO/SA (indústria pioneira na cidade) e os mais diversos ramos agropecuários no entorno da cidade.

É importante destacar, que as empresas instaladas na cidade durante sua maior parte partiram da iniciativa de empresários locais. Atualmente, muitas dessas empresas estão extintas tais como: Curtume Ítalo Brasileiro; Grupo Votorantim Incotema; Sociedade industrial de Mococa (Doces S.I. M); Biscoito Mabel; confecções de roupas infantis “sino”; Curtume Cadorna; Frigorífico Frigon; Frigorífico Frimoca; Mocoplast; Caldeiraria São Caetano; Indústria Mecânica Irmãos Pisani.

## **2.2 Relações interindustriais no Ramo de Metalurgia em Mococa SP**

Mococa possui 3 Distritos Industriais, o primeiro distrito fica localizado na Avenida Tiradentes na saída da cidade em direção ao sul de Minas Gerais sentido norte (NE), o segundo distrito industrial fica as margens da Rodovia SP-340 sentido oeste da cidade, onde se encontram instaladas o maior número de indústrias do ramo de metalurgia e o terceiro distrito industrial, inaugurado em 2011, ainda em fase de reestruturação, fica localizado às margens da Rodovia SP 340 sudoeste da cidade. (Mapa 2).

## Localização dos distritos industriais em Mococa.



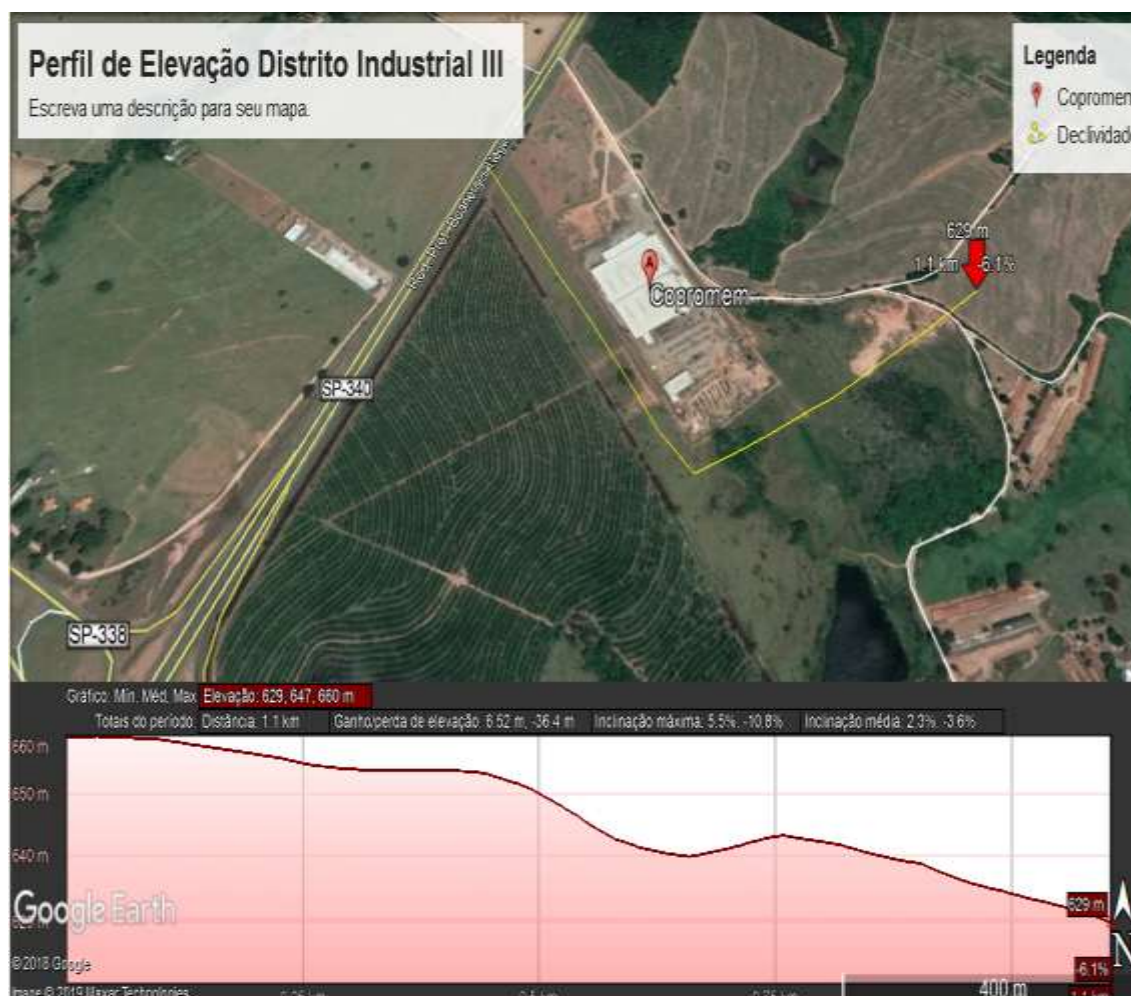
( Mapa 2) Fonte: ArcGIS/IBGE

Organização: B.C. (SANTOS) L.F. (FRANZONI) 2019.

A primeira indústria a se instalar foi a Copromem que subsidiou as infraestruturas necessárias para se instalar no local.

Visitando a cooperativa, algumas análises foram levantadas a respeito do distrito industrial 3 como: As infraestruturas necessárias para as outras empresas se instalarem dependem de investimentos em terraplanagem, uma vez que a declividade do terreno é muito alta, (Figura1) outro problema levantado é que no local tem uma área de APP que exige tratamento de resíduos industriais e medidas preventivas para preservação de uma nascente localizada próxima à cooperativa. (Figura 2).

**Figura 3: Mapa que mostra o perfil de elevação do terreno no distrito Industrial III. Fonte Google Earth. Elaboração: FRANZONI, (2019)**



Fonte Google Earth. Elaboração: FRANZONI, (2019)



**Figura 4: Área de preservação permanente (APP) próximo ao distrito industrial.**



**Fonte: Google Earth. Elaboração: FRANZONI (2019)**

A cidade possui 45 indústrias de metal mecânico, segundo levantamentos realizados junto ao Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Mococa e região (SINDIMOC, 2019). Prefeitura Municipal e Associação Comercial e Industrial de Mococa (ACIM). Dessas indústrias apenas uma é de grande porte, a Metalúrgica Mococa S.A. no ramo de fabricação de latas para diferentes produtos alimentícios, empregando, aproximadamente, 550 pessoas. As outras 43 indústrias são pequenas e médias unidades produtivas que atuam nos mais diversos ramos de fabricação, principalmente na produção de implementos agrícolas e rodoviários para grandes empresas do Brasil e no exterior, fazendo com que a cidade se destaque com maior número de indústrias no ramo metal mecânica de usinagem de toda região. Algumas indústrias possuem relações interindustriais (*linkages*) subcontratam serviços reforçando o vínculo local e a concentração geográfica do sistema produtivo no círculo de cooperação.

Cabe destacar as instituições de ensino instaladas na cidade como o Centro Paula Souza (Industrial e ELETRO) e a Fatec (faculdade de tecnologia) instituições do Estado, que oferecem os mais diversos cursos profissionalizantes ligados à indústria e

tecnologia. Favorecendo as empresas locais e disponibilizando profissionais por toda a região.

**(Tabela 1) Levantamentos de indústrias cadastradas em Mococa (SP)**

| <b>Indústrias de metalurgia e máquinas e equipamentos</b> |                                                     |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| ALUMINOX - METRICS INDÚSTRIA METALURGICA LTDA - ME        | (Usinagem e montagem industrial)                    |
| ANTONIO CELSO TADEU FOGARIN - ME - MECÂNICA FOGARIN       | (Usinagem)                                          |
| BUENO'SOLDAS MONTAGENS INDUSTRIAIS LTDA - ME              | (Soldagem industrial)                               |
| CALNOX CALDEIRARIA E MONTAGENS INDUSTRIAIS LTDA - EPP     | (Soldagem industrial)                               |
| CARLOS ALBERTO FERREIRA CELIO MARQUES DA SILVA-ME         | (Montagem industrial)                               |
| COELHO USINAGEM LTDA - ME                                 | (Usinagem)                                          |
| INCA - METALURGICA INCA LTDA.                             | (Fabricação de abraçadeiras e utilidade domésticas) |
| INCOS - INDÚSTRIA E COMERCIO COSSOLINO LTDA - ME          | (Esquadrias metálicas)                              |
| IMECO- INDÚSTRIA MECÂNICA COSSOLINO                       | (Usinagem e montagem industrial)                    |
| INDUSFIXA INDÚSTRIA METALURGICA LTDA - ME                 | (Usinagem)                                          |
| J B R MARTINS - Me - USINAGEM, TORNEARIA e SOLDA          | (Usinagem)                                          |
| MOCMAQ MOCOCA MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS (PIRES)             | (Ferramentaria)                                     |
| KROMAQ INDÚSTRIA E COMERCIO DE MAQUINAS LTDA-ME           | (Usinagem)                                          |
| LUIZ ANTONIO MARTINS FERRAMENTAS - ME                     | (Ferramentas para a construção civil)               |
| LUMATEC COMERCIAL LTDA                                    | (Usinagem e montagem industrial)                    |
| BIZAIO & BRAZ LTDA - ME                                   | (ARTINOX montagem industrial e usinagem)            |
| MARTEL INDÚSTRIA MECANICA LTDA.                           | (Usinagem)                                          |
| MAQNUTRI - EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA - ME             | Instalação de maquinas e equipamentos industriais   |
| MCS MONTAGENS INDUSTRIAIS LTDA                            | (Soldagem Industrial)                               |
| MECANICA TORNEL MOCOCA LTDA - ME                          | (Usinagem)                                          |
| METALURGICA MOCOCA SA                                     | (Fabricação de latas metálicas)                     |
| MONTEC MOCOCA MONTAGENS INDUSTRIAIS                       | (Usinagem e montagem)                               |



|                                                                                  |                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| JOAQUIM FERREIRA FILHO (Oxitec Ind. e Com de Material Oxicortado)                | (Ferramentaria)                                                       |
| SALLES GOMES INDÚSTRIA MECANICA LTDA - EPP                                       | (Soldagem industrial)                                                 |
| TORMEC - LEONEL JOSE SANCHIETTA                                                  | (Ferramentaria e manutenção)                                          |
| SEON - TECNOLOGIA EM USINAGEM LTDA - EPP                                         | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| TORNOMOC - USINAGEM E SERVICOS LTDA - ME                                         | (Usinagem)                                                            |
| TORSOLDA - ADILSON APARECIDO BATISTA - EPP                                       | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| COOPERATIVA DE PRODUTOS METALURGICOS DE MOCOCA - COPROMEM                        | (Usinagem e montagem industrial caldeiraria)                          |
| USINAGEM BIANCHESI LTDA - ME                                                     | (Usinagem)                                                            |
| FIGUEIREDO & GIGLIO LTDA - EPP                                                   | (Usinagem)                                                            |
| HIDROGERAL-INDÚSTRIA E COMERCIO VAREJISTA DE EQUIPAMENTOS DE IRRIGACAO LTDA - ME | (Fabricação e manutenção)                                             |
| INDÚSTRIA MECÂNICA MOCOCA LTDA                                                   | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| INDÚSTRIA MECÂNICA FAVERO LTDA - ME                                              | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| JOSITEC MONTAGENS INDUSTRIAIS LTDA - EPP                                         | (Soldagem industrial)                                                 |
| LEMAR - LEMAR INDUSTRIAL LTDA - EPP                                              | (Montagem industrial)                                                 |
| MOCODROL HIDRÁULICA LTDA                                                         | (Fabricação de cilindros hidráulicos, usinagem e montagem industrial) |
| MOCOAL MONTAGEM E USINAGEM LTDA - ME                                             | (Usinagem)                                                            |
| SHERLON RICARDO DE DEUS & CIA LTDA - ME                                          | (Usinagem)                                                            |
| TERMIS EQUIPAMENTOS PARA PERFURACAO E SONDAGEM DO SOLO LTDA - EPP                | (Montagem industrial)                                                 |
| MECÂNICA CASTELLI LTDA.                                                          | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| FÁBRICA DE ENGRENAGENS TRENTIN                                                   | (Usinagem)                                                            |
| CAIRU COMPONENTES                                                                | (Fabricação de peças para bicicletas)                                 |
| MENDONÇA & BRITO LTDA                                                            | (Usinagem e montagem industrial)                                      |
| MECALNOX MECÂNICA e MONTAGEM INDUSTRIAL LTDA                                     | (Soldagem e montagem industrial)                                      |

### **2.3 A História da Nicola Romi S/A e A Origem da Cooperativa**

Em 1888 foi inaugurada em Mococa a empresa Nicola e Irmãos pelos imigrantes austríacos João Nicola e seus irmãos Pedro e Matheus. Na época, a grande demanda de implementos agrícolas para lavoura de café fez com que os empresários fabricassem máquinas para uso na lavoura. Algumas delas se destacaram como o descascador universal de café que recebeu medalha de primeira classe no ano de 1901 em uma exposição agrícola na cidade de Ribeirão Preto (SP).

Conforme Balestre (2009)

Valendo-se da grande produção de café, que o Município apresentava, e da excelente qualidade dos produtos que fabricavam, as máquinas de beneficiar café foram vendidas em larga escala, o que proporcionou um rápido crescimento da indústria. Por volta de 1920, a J. Nicola, Irmãos & Cia era a principal indústria da região, sustentando um grande número de operários e constituindo, na época, um centro de formação de trabalhadores especializados, tais como: mecânicos, torneiros e fundidores. (apud CARVALHO, 2012 p. 133).

Dotados de extrema inteligência e criatividade os irmãos tiveram um papel importante no desenvolvimento industrial na cidade de Mococa no começo do século XX.

A indústria ficou conhecida pelos seus produtos de qualidade durante 57 anos sob a administração dos irmãos, encerrando suas atividades em 1945 com o falecimento de João Nicola. Dos 3 irmãos, João foi o último que veio a falecer, sendo a empresa adquirida pelo imigrante Italiano Sr. Paschoal Pisani, que possuía uma empresa beneficiadora de algodão na cidade.

Após essa junção a empresa passou de J. Nicola e irmãos para irmãos Nicola, permanecendo o sobrenome por ser forte e conhecido no mercado. Com o grande crescimento do mercado agrícola no país, no ano de 1974, ocorreu à fusão com a empresa americana Rome Industries Inc., detentora da marca ROME. Conhecida mundialmente na produção de equipamentos para a agricultura e formando-se a Nicola Rome Maquinas e Equipamentos S/A.

Conforme Carvalho (2012, p.117)

Acompanhando o crescimento do mercado e a demanda de equipamentos, a Nicola Rome obteve, junto às empresas mais renomadas do país, o reconhecimento necessário para a fabricação de produtos que até então eram importados. Ela se desenvolveu, consideravelmente, em capacitação tecnológica, passando a fornecer seus produtos para a América Latina, a África, a Europa e os Estados Unidos.

A empresa expandiu suas atividades desenvolvendo tecnologia própria, e atuando forte no mercado chegando a empregar cerca de 800 funcionários. Contudo algumas decisões internas inoportunas acompanhadas de crise no setor econômico industrial brasileiro levaram a um grande endividamento da empresa.

Sucessivas transformações e operações foram adotadas na tentativa de mantê-la em funcionamento, no entanto em dezembro de 1999, após 111 anos de existência e chegando a um estado irreversível a empresa decretou sua falência.

O processo de abertura da economia na década de 1990 no Brasil desencadeou o fechamento de muitas empresas nacionais.

Conforme Aquino (2013, p.99)

Uma abertura sem que houvesse uma política industrial que preparasse a indústria brasileira – em termos de crédito para a produção e tecnologia competitiva – para concorrência no mercado externo; e uma herança negativa da modalidade de proteção adotada no Brasil em períodos anteriores, quando a transição para a abertura já não havia sido preparada, como citado acima.

Vale lembrar, a questão da inflação, taxa de câmbio e investimentos que ficavam a mercê do Estado, foi enfraquecida com a entrada do neoliberalismo no país, e as empresas brasileiras foram forçadas a investir em modernização para competir no mercado com as novas empresas.

Aquino (2013, p.110) salienta que:

A taxa de investimento global no Brasil vinha se mantendo insuficiente para manter um ritmo de crescimento econômico progressivo, visto que o fluxo de investimento estava desproporcionalmente favorável ao segmento de infraestrutura. Assim, novos investimentos focariam a aceleração da modernização industrial e, portanto, ao aumento de eficiência – menos do que imediata ampliação de capacidade produtiva.

O Estado investiu em infraestruturas para a entrada das multinacionais no país e os investimentos para as indústrias brasileiras entraram em declínio, acarretando crises na atividade fabril nacional.

De acordo com Aquino (2013)

[...] As dificuldades enfrentadas pelas empresas brasileiras no contexto de abertura. As deficiências no mercado interno de capitais, à situação de concorrência imperfeita com as filiais de multinacionais bem posicionadas estrategicamente dentro da economia nacional, a falta de incentivos para se buscar o mercado externo, e as penalizações impostas à inovação tecnológica pela lógica de organização do sistema econômico, seriam em conjunto responsáveis pela condição de fragilidade das empresas nacionais frente a concorrência internacional – e não um efeito inesperado da abertura econômica. (apud MOREIRA, 2000, p.110).

Essa entre outras causas levaram à falência de muitas empresas nacionais o que cresceu o movimento por cooperativas em todo país. Nesse contexto na cidade de Mococa (SP) a empresa Nicola Rome S/A, que após chegar a um estado irreversível de falência, deixou cerca de 500 metalúrgicos desempregados na cidade, Foi assim que surgiu uma iniciativa do sindicato dos metalúrgicos em parceria com a (ANTEAG) em montar uma cooperativa.

O atual presidente da SINDIMOC e atual vice-presidente da federação dos trabalhadores metalúrgicos do estado de São Paulo F. S. G. F., ganhou uma bolsa de estudos do movimento sindical para viajar até a Espanha no Case de Mondragón para fazer um curso de autogestão de empresas e auxiliar no processo de reestruturar a indústria. Dessa forma, nasceu a Copromem (Cooperativa de produtos Metalúrgicos de Mococa).

Conforme Balestre (2009)

Afirma que a COPROMEM é uma organização cooperativa que congrega trabalhadores metalúrgicos, devidamente qualificados – ex-funcionários da Nicola Rome Máquinas e Equipamentos S/A –, que receberam a parte do ativo permanente da empresa de origem, como dação em pagamento de seus créditos trabalhistas (ato devidamente homologado pela Justiça do Trabalho). Essa se constituía de máquinas e de equipamentos de produção, integrantes de seu parque industrial,

bem como de alguns produtos acabados e em processamento. Ainda consoante com a autora, na homologação, os ex-funcionários abriram mão de 32,00% de seus direitos trabalhistas, uma vez que o ativo existente, avaliado em R\$ 2.216.920,00 pela empresa CONSULT Consultoria, Engenharia e Avaliações, não eram valor suficiente para quitar 100,00% da dívida com todos os trabalhadores. Portanto, a dação correspondeu a 68,00% do valor devido, equivalente a 221.692 cotas. Para prevenir qualquer surpresa, em relação às máquinas, fizeram-se gestões, junto ao Poder Judiciário, com o intuito de se obter delas a posse definitiva. A Assembleia Geral de constituição da COPROMEM se realizou no dia 10 de novembro de 1999, nos termos da Lei nº 5.764/71, com a assinatura de 31 sócios fundadores – sócios esses, subscrevendo, inicialmente, 10 quotas-partes cada, no valor de R\$ 100,00 . Com suas atividades produtivas iniciadas em janeiro de 2000, a COPROMEM não foi vista com bons olhos por muitas pessoas (físicas e jurídicas) que não acreditavam em sua reestruturação. Sendo assim, passou por momentos difíceis, a fim de conseguir crédito com fornecedores e instituições financeiras, bem como de recuperar a confiabilidade de seus clientes. (apud, CARVALHO, 2012, p.133)

Nos dias atuais, a empresa completou 20 anos de existência como cooperativa, com aproximadamente 210 sócios, e 100 funcionários contratados regime (CLT). Já adquiriu um novo barracão saindo do prédio da antiga massa falida da Empresa Nicola Rome e, construiu seu barracão às margens da SP 340 em um terreno de 92.000 m2 doado pela Prefeitura Municipal com o financiamento no valor de 30,4 milhões subsidiado pelo BNDS (Banco Nacional do Desenvolvimento).

**(Fotografia 1) Atual barracão da Cooperativa as margens da rodovia SP 340 - Distrito Industrial III.**



**Fonte: Franzoni (2019)**

(Fotografia 2 e 3) Prédio da massa falida Nicola Rome, localizado na Rua Coronel Diogo, 525, bairro Aparecida. O barracão foi a leilão e um empresário da cidade arrematou o terreno que atualmente serve de locação para galpões industriais e espaços comerciais.



Fonte: Franzoni (2019)



**(Fotografia 4 ) Fachada da antiga J Nicola e Irmãos preservada.**



**Fonte: Franzoni (2019)**



### **Capítulo III- A Cooperativa Copromem: da Massa Falida à Autogestão.**

O trabalho de campo foi realizado no mês de setembro de 2019 sendo utilizada como instrumento de coleta uma entrevista semiestruturada com três cooperados gravados em áudio, para ajudar na pesquisa foi disponibilizado com autorização do diretor, um vídeo institucional da Cooperativa para solucionar possíveis dúvidas.

O roteiro elaborado para a pesquisa foi com perguntas investigativas sobre o histórico da antiga massa falida Nicola Rome e o surgimento da cooperativa. E como é a organização de uma empresa autogestionária. (APÊNDICE 1)

A escolha da pesquisa de campo pautou-se de que a utilização dessa técnica possibilita ampliar o objeto de investigação, uma vez em que podem surgir novas informações a serem exploradas que tenham passado despercebido na análise teórica.

A análise teórica juntamente com o trabalho de campo junto à Cooperativa trouxeram importantes considerações:

O surgimento da Cooperativa está ligada ao desemprego estrutural que atingia o país durante a década de 1990 com a abertura econômica. A massa falida Nicola Rome, tinha um papel essencial na economia da cidade de Mococa, empregando trabalhadores metalúrgicos qualificados. A Cooperativa foi fundada depois que a empresa Nicola Rome que pertencia aos grupos Pisani e Marchesan decretaram falência.

Com apoio do sindicato e a ANTEAG, formou-se a Cooperativa inicialmente com 31 sócios, o maquinário da massa falida foi adquirido como forma de pagamento da rescisão. Conforme o depoimento de um dos trabalhadores:

*“Era final da década de 1990 e crescia drasticamente o número de empresas brasileiras que fecharam as portas, não tinha emprego pra todo mundo, mesmo os melhores profissionais. A Nicola Rome tinha mais ou menos 480 funcionários e, era uma das indústrias com o maior número de trabalhadores da cidade de Mococa. Foi*

*através do sindicato que fomos instruídos a aderir ao cooperativismo como possível ou única solução, e colocamos essa luta em prática”.*

No começo foram muitas as dificuldades, mas com muita luta conseguiram reconquistar a confiança dos clientes e fornecedores, outro aspecto levantado é que a Copromem trata-se de uma empresa autogestionária e as decisões são tomadas passando por uma assembleia geral, na qual todos os cooperados têm o direito de um voto. As decisões tomadas passam pelo conselho administrativo que executa as decisões definidas pela assembleia e, o conselho fiscal tem o papel de fiscalizar as atividades que o conselho administrativo executa.

Questionados sobre o que difere uma Cooperativa autogestionária de outras firmas de cooperativismo? E de uma indústria nos moldes capitalistas?

*“Existem outras formas de cooperativa que são ligadas a prestação de serviços para quem produz como, por exemplo, cooperativas agropecuárias, de leite, café, etc. A Copromem é uma cooperativa de produção autogestionária, formada por trabalhadores sócios organizados”. (Depoimento de um trabalhador”).*

A Cooperativa também se baseia no modelo de Economia Solidária e, já fez parcerias com empreendimentos solidários como a UNISOL que auxiliou no planejamento do novo barracão. Também existe uma cooperativa que o modo de organização é semelhante ao da Copromem inclusive tem uma história parecida é a UNIFORJA localizada na cidade de São Paulo em Diadema.

Um dos principais problemas enfrentados é a falta de apoio estatal e às vezes comunicação interna dentro da cooperativa, os principais desafios são em manter a cooperativa em atividade, tendo em vista que o mercado econômico oscila e a Copromem atende os principais fabricantes de máquinas rodoviárias e equipamentos de movimentação de terra no Brasil e no Mundo como: CATEPILLAR, KOMATSU, grupo CNH NEW HOLLAND CASE e FIAT ALISS, LIEBHERR, e JCB. Quando esses grupos enfrentam dificuldades o serviço é reduzido e somos diretamente afetados.

A Copromem atua na fabricação de conjuntos soldados no seguimento de caldeiraria como caçambas, blanks, chassis, transbordos, articuladores, Contra peso, Rippers etc. (Resposta obtida através do vídeo institucional).

A remuneração é dividida primeiramente pela função de cada funcionário dentro da cooperativa, do montante do mês 19% do faturamento mensal é destinado ao pagamento dos cooperados. Entre outros benefícios para o cooperado podemos citar uma cesta básica, seguro de vida, plano médico, convênios com supermercados e farmácias.

E quando surge uma vaga nova, recorre se aos cooperados para ver se alguém preenche os requisitos necessários para aquela função ou se devem contratar um funcionário em regime CLT.

Vantagens e desvantagens de trabalhar dessa forma?

*“Vantagens: Talvez em participar das decisões junto à empresa, ter instabilidade no emprego, porém as responsabilidades também são maiores e quando a crise bate, recebemos uma porcentagem do pagamento o que desestabiliza nossa renda. Muitos cooperados acabaram deixando a cooperativa devido à oscilação econômica que ocorre no mercado mundial”. (Depoimento de um trabalhador)*

Nos dias atuais a Cooperativa tem cerca de 210 sócios ativos, 100 funcionários regime CLT, divididos no setor fabril e área administrativa, questionado sobre melhorias e planos da Cooperativa.

*“Acho que a melhoria está em continuar produzindo com qualidade, depende de nós cooperados continuarmos a luta”. “Acho difícil algum incentivo que não seja da própria cooperativa. Temos que garantir os objetivos e metas a serem alcançados construindo cada vez mais uma empresa sólida, alicerçada em pretextos de ordem moral e, política de qualidade. Sempre buscando melhorias no processo de produção e organização da cooperativa”. (Depoimento de um trabalhador)*

### **Considerações finais**

O desenvolvimento do presente trabalho de graduação, possibilitou compreender algumas causas do processo de desnacionalização da indústria nacional. As dinâmicas estabelecidas pela hegemonia capitalista mundial e o novo modelo de divisão do trabalho que fizeram surgir novas formas de organizações de trabalho. O desemprego estrutural imposto pelos limites da globalização aumentou o abismo para a classe trabalhadora dependente do emprego para sobreviver. De um modo geral as cooperativas baseadas em um modelo de Economia Solidária, resgatam a dignidade e união de pessoas em princípios e ideais fora dos padrões exigidos.

Os objetivos do presente trabalho foram alcançados conhecendo mais de perto uma dessas experiências, no caso a Copromem. Por meio da entrevista semiestruturada foi possível compreender como se configura um empreendimento autogestionário promovendo a emancipação e autonomia de trabalhadores.

Conclui-se que a Economia Solidária consiste em uma possibilidade de alternativa econômica, ou seja, de uma via mais justa, mais digna, mais inclusiva e mais humana possível no âmbito do capitalismo contemporâneo.

Espera-se que os resultados decorrentes deste trabalho contribuam para subsidiar outras pesquisas relacionadas a essa temática tão importante e que os registros históricos dessas expressões de resistência sirvam de motivação para as classes trabalhadoras.

### Referências Bibliográficas:

- ANTEAG. Autogestão – construindo uma nova cultura nas relações de trabalho.** São Paulo: Anteag, 2000.
- AMORIM, ARAUJO **Economia solidária no Brasil:** novas formas de relação de trabalho? IPEA, 2004, p.45-51.
- BRITSCHGY, L. F. C. **Economia Solidária e Catadores (as) De Materiais Recicláveis:** Análise Das Ações e Políticas Públicas em Rio Claro- SP No Período de 2009 a 2018. 2018. 175 f. Tese (mestrado) - Curso de Geografia, UNESP, Rio Claro, Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180285>>. Acesso em: 23 set. 2019.
- CARVALHO, T. C. P. **Comprometimento organizacional dos Cooperados e funcionários da COPROMEM Cooperativa de Produtos Metalúrgicos de Mococa - SP.** 2012. 180 f. TCC (Pós-Graduação) - Curso de Desenvolvimento Sustentável, UNIFAE, São João Da Boa Vista.
- DE NEGRI, B. (1994). **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990).** Campinas: Tese de Doutorado em Economia, IE-UNICAMP.
- LEITE, M. de P., ARAUJO, A.M.C., & LIMA, J.C. (Orgs.). (2015). **O trabalho na economia solidária:** entre a precariedade e a emancipação. São Paulo: Annablume.
- MENDES, A. A. **Implantação industrial em Sumaré:** origens, agentes e efeitos: contribuição ao estudo da interiorização da indústria no Estado de São Paulo. 1991. 172f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1991.
- MENDES, A. A.; CORTEZ, A. T. (Org.); ORTIGOZA, S. A. G. (Org.). **Desfazendo os nós do capital:** território, ação social e economia solidária. 1. Ed. Bauru: Canal 6, 2013. V. 01. 180p.
- PALADINI, C.A. **Assim nasceu Mococa.** São Paulo, Editora Alfa e Omega, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Produzir para Viver. Os caminhos da produção não capitalista.** Porto: Afrontamento, 2002
- SELINGARDI-SAMPAIO, Silvia. **Indústria e Território em São Paulo:** estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista. Campinas: Editora: Alínea, 2009.
- SEVERINO, M.R., BARBOSA, RIBEIRO J. C., M. P. **Análise do tema economia solidária nas produções dos programas de pós-graduação em Geografia.** 2015. 21 f. revista pegada vol.16, n.1
- Singer, Paul (2006), **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

### Bibliografia:

- LENCIONI, S. **Reestruturação Urbano-Industrial**: Centralização do Capital e Desconcentração da Metrópole de São Paulo — A Indústria Têxtil. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — USP, 1991 (Tese de Doutorado).
- MENDES, A.A. **Reestruturações Locais Como Efeitos da Globalização Econômica**: Uma Análise da Estrutura Produtiva Mutante do Pólo Têxtil de Americana, SP. Rio Claro: IGCE, UNESP, 1997 (Tese de Doutorado).
- MANZAGOL, C. **Lógica do espaço industrial**. São Paulo: DIFEL, 1985.
- PORTER, M. **Aglomerados e competição**: novas agendas para empresas, governos instituições. In: Competição: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: 1999.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

### Referencias de sites:

ANTEAG, **Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão**, (história) Disponível em: <<http://cirandas.net/anteag>>. Acesso em 25 de junho de 2018.

**Cooperativa de Rio Claro é referência internacional** Disponível em<  
<https://www.jornalcidade.net/rc/cooperativa-de-rio-claro-e-referencia-internacional/11376/>> acesso em 23/09/2019.

**Economia solidária o que é?** Disponível em < <http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria> >Acesso em 31 de maio de 2019.

**J. Nicola & Irmãos** Disponível em  
<[http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g39i.htm?fbclid=IwAR30hbkPPIwHsYu4jeteppesVSf7d6mvn7XKhhuCyVHXgkxXJdWY\\_G2N8io](http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g39i.htm?fbclid=IwAR30hbkPPIwHsYu4jeteppesVSf7d6mvn7XKhhuCyVHXgkxXJdWY_G2N8io)> Acesso em 23/08/2019

**Observatório Nacional da Economia Solidária e do Cooperativismo** Disponível em:  
<<http://ecosol.dieese.org.br/index.php>> Acesso em 12 de maio de 2019.

**Portal do Cooperativismo Financeiro, O case de Mondragón na Espanha**  
Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.coop.br/cenario-mundial/expressao-mundial/cooperativismo-de-credito-na-espanha/o-case-de-mondragon-na-espanha/>> ,  
Acesso em 27 de junho de 2018.

## **Apêndice**

### **Entrevista Copromem**

Roteiro da entrevista:

- 1-Comentar sobre o histórico da cooperativa?
- 2-Quando a cooperativa foi fundada?
- 3-Razões do surgimento da cooperativa?
- 4-O que motivou os antigos funcionários da Nicola Rome a organizar a cooperativa?
- 5-O que significa uma empresa autogestionária?
- 6- O que é autogestão?
- 7-Como são tomadas as decisões?
- 8- Quantas pessoas estão envolvidas na administração e na produção?
- 9- O que difere uma cooperativa autogestionária de outras firmas de cooperativismo? E de uma indústria nos moldes capitalistas?
- 10- A cooperativa Copromem faz parte da economia solidária? Se sim, por quê?
- 11- O que é Economia Solidária? A Copromem é filiada a algum empreendimento de economia solidária?
- 12-O que a Copromem produz ou fabrica?
- 13-Quais os principais mercados?
- 14-A Copromem recebe algum tipo de incentivo ou auxílio? Se sim, quais e de quais instituições?

15-Como são administrados os lucros e as funções desempenhadas pelos cooperados?  
Existe uma organização?

16-Existem outras cooperativas que trabalham dessa forma? Onde?

17-Principais problemas enfrentados?

18- Principais desafios?

19- Vantagens e desvantagens de trabalhar dessa forma?

20- O que poderia ser feito para melhorar a Copromem?

21-Planos e perspectivas futuras da Copromem.